

Apresentação da tradução de “Ideia do método na composição de um livro” de Jean-Jacques Rousseau

Rafael de Araújo e Viana Leite

Curitiba, Brasil.

Doutorando em filosofia pela UFPR

rafael_vianaleite@hotmail.com

Não é preciso chamar atenção para a força retórica contida no fraseado de Jean-Jacques Rousseau, cuja musicalidade já foi apontada por Gustave Lanson, no capítulo XIV do livro *L'art de la prose* (LANSON, 1909). Em se tratando de um escritor cujas sentenças, por vezes impactantes, dificultam uma interpretação precisa por parte do leitor, esse texto sobre o método aqui traduzido, relativamente pouco conhecido e nunca antes vertido para o português, pode lançar novas luzes para o modo como Rousseau via a confecção de um livro. Mas também, vale notar, para a maneira crítica com a qual ele julgava sua própria produção literária. Sobre o ano de redação do texto, Charly Guyot em seu comentário dedicado à *Miscelânea de literatura e moral*, presente nas obras completas de Rousseau, o localiza como sendo de 1745 (ROUSSEAU, 1964b, p. CI). Victor Goldschmidt, em seu livro *Anthropologie et politique: les principes du système de Rousseau* (GOLDSCHMIDT, 1983, p. 21), por sua vez, mostra como a partir do texto aqui traduzido podemos entender melhor as preocupações de Rousseau em uma época que antecede a redação do *Discurso sobre as ciências e as artes* (ROUSSEAU, 1964a). Porém, mais do que isso, podemos entender melhor a própria constituição do texto com o qual Rousseau adentrou a República das Letras. Acrescentamos que a *Ideia do método na composição de um livro* (ROUSSEAU, 1964b) pode ainda evitar mal-entendidos de interpretação. Vejamos.

Lourival Gomes Machado (ROUSSEAU, 1973, p. 429) aponta, em uma nota que acompanha a tradução do Prefácio da comédia rousseuniana intitulada *Narciso ou o amante de si mesmo*, a severidade com a qual Rousseau tratou o *Discurso sobre as ciências e as artes*. Segundo diz a nota

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 315-316

Tradução recebida 31/05/2015
Tradução aceita 16/06/2015

de número seis, tratar-se-ia de uma crítica desferida às próprias teses ali defendidas, de modo que teríamos dessa obra em diante, e em acordo com o comentador, um “*apuramento dialético*” por parte do filósofo. Contudo, tal perspectiva pode ser relativizada se tivermos em mente outras obras do autor. Na *Carta a Malesherbes* (ROUSSEAU, 2005b), de 12 de janeiro de 1762, podemos, por exemplo, ler a defesa da unidade dos princípios que teriam balizado o pensamento de Rousseau. Em outra carta, dessa vez para Beaumont (ROUSSEAU, 2005a), também de 1762, ele insiste em defender que a despeito dos vários assuntos tratados foi sempre a mesma moral, as mesmas máximas e crenças que orientaram seus escritos. Disso podemos concluir que o filósofo não mudou de opinião. Como, então, entender o comentário crítico de Rousseau ao chamado primeiro *Discurso*? Mas o que diz exatamente o comentário? No oitavo Livro das *Confissões* (ROUSSEAU, 2008) Rousseau escreve retrospectivamente em relação ao *Discurso sobre as ciências e as artes*: “*E essa obra, entretanto, cheia de calor e de força, carece absolutamente de lógica e de ordem; de tudo o que me saiu da pena, é o mais fraco de raciocínio e o mais pobre de número e harmonia (...) a arte de escrever não se aprende de uma vez.*” (ROUSSEAU, 2008, p. 323/324). A abordagem crítico-retrospectiva em relação ao texto se dirige, quer nos parecer, para a sua estrutura menos do que para o conteúdo, ou seja, o alvo da crítica é a formulação do problema e a ordem de razões expostas, mas não as próprias teses ali defendidas. É com a ajuda da *Ideia do método na composição de um livro* que nós podemos entender melhor tanto a arte de escrever a que Rousseau se refere acima como o porquê de seu julgamento ter sido tão severo em relação ao texto que foi o vencedor do prêmio de moral promovido pela Academia de Dijon no ano de 1749.